

O AUTISTA NA ESCOLA REGULAR E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

(1) Maria Gerlane Xavier do Nascimento; (2) Franciane Da Silva Hanel; (3) Eduardo Breno Nascimento Bezerra

^{1,2,3} *Centro Universitário Maurício de Nassau, Campina Grande, maria.gerlane.xavier@gmail.com, francianehanel@gmail.com*

⁴ *Orientador, Centro Universitário Maurício de Nassau, Campina Grande, eduardobreno@hotmail.com*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo abordar a temática da inclusão da criança autista no ensino regular, bem como os desafios para que este processo venha a se efetivar satisfatoriamente. A legislação brasileira garante a presença destas crianças na escola regular, porém isto não significa que elas estão incluídas de fato. A metodologia adotada para a realização da presente pesquisa foi uma revisão integrativa, nas bases de dados BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), Periódicos Capes, Scielo e Pepsic. Os descritores utilizados foram: inclusão, autista, autismo, escola. Foram incluídos neste artigo: trabalhos publicados entre 2013 e 2018, disponíveis em português e que abordavam a inclusão da criança com autismo no ensino regular. Os critérios de exclusão adotados foram: trabalhos meramente descritivos, em outro idioma, publicados em período anterior à 2013, incompletos ou indisponíveis na íntegra, relacionados à inclusão do autista na idade adulta ou nos serviços de saúde. A somatória de trabalhos encontrados foi de 93 publicações; posteriormente, recorreu-se aos critérios de inclusão e exclusão, restando 37 trabalhos selecionados que foram lidos por completo, e por fim 11 compuseram o presente trabalho. Dos trabalhos incluídos, 6 eram da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), 2 da Periódicos Capes, 1 da base de dados Scielo e 2 da Pepsic. Procedeu-se à análise temática categorial, o que resultou em duas categorias: I. Dificuldades para a inclusão da criança com TEA; II. Atitudes facilitadoras para a inclusão da criança com TEA. Os resultados apontam que apesar da legislação vigente garantir à criança autista uma entrada no ensino regular, diversas questões ainda se configuram como barreiras para incluir satisfatoriamente a criança com autismo, entre elas destacam-se a formação insatisfatória de professores, a falta de preparação de demais profissionais da educação e o envolvimento dos familiares. Além disso, a literatura consultada destaca uma visão ultrapassada nutrida pela sociedade acerca da criança com autismo, e a ausência de recursos tecnológicos que permitem o empoderamento da criança diagnosticada com TEA como fatores que também impedem a inclusão dessas crianças. Por fim, também se verificou a ausência de literatura referente à participação do psicólogo na elaboração de estratégias de inclusão, o que aponta para a necessidade de que estudos sejam realizados nessa perspectiva.

Palavras-chave: inclusão, autista, autismo, escola regular.

Introdução

O TEA (transtorno do espectro autista) pode ser entendido como um transtorno do neurodesenvolvimento, no qual identificamos significativos e persistentes déficits na linguagem (tanto a receptiva quanto a expressiva) bem como na interação com outras pessoas. O autista apresenta comportamentos restritivos de atividades pelas quais se interessa, repetindo-as. A criança pode demonstrar os primeiros sinais antes do terceiro ano de vida, que geralmente envolvem dificuldades de interação e comunicação. O diagnóstico precoce

apresenta-se como importante ferramenta para o processo de reabilitação da vida do sujeito, fornecendo-lhe novas possibilidades (CAMPOS, SILVA & CIASCA, 2018).

Nesse sentido, para que o diagnóstico seja mais preciso, é necessário que seja levada em consideração a tríade sintomatológica, que são os comportamentos repetitivos pelas atividades alvo de seu interesse, prejuízos na interação com os demais e na comunicação. No entanto, existe considerável variação no citado tripé, o que condiz com variados quadros de autismo. Pode-se observar a existência de autistas que fazem uso da linguagem verbal, bem como os que não se utilizam da mesma. No que se refere à escolaridade, isto também possui significativa variação: desde os que não foram alfabetizados até os que concluíram pós-graduação (MOUSINHO, CÂMARA & GIKOVATE, 2016).

Através dos dados históricos, observa-se que pessoas com deficiência dificilmente tiveram efetivo acesso à saúde e à educação. A escola apresenta-se como lugar propício à diversidade, onde ações educativas obsoletas foram abandonadas, compreendendo-se o tempo que cada aluno necessita para aprender. A constituição brasileira garantiu que a educação obtivesse universalidade, incluindo as crianças com deficiência (SANTAROSA & CONFORTO, 2015).

A educação especial deve acontecer na escola regular e está assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/ 96- Capítulo V). Esta lei determina o currículo adequado para o PAEE (público alvo da educação especial), ou seja, para os que antes foram denominados alunos com necessidades educacionais especiais (APORTA & LACERDA, 2018).

No que se refere à inclusão de crianças com o diagnóstico de TEA, pode-se afirmar a existência de diversas variáveis inerentes a esse processo: se a direção da escola é receptiva às modificações necessárias para a inclusão desta criança, a formação dos professores (aliada à sua experiência e à características de sua personalidade), participação dos familiares, características pessoais do aluno autista e dos demais alunos que compartilham a mesma sala de aula com ele (LEMOS, SALOMÃO, AQUINO & RAMOS, 2016)

Falar de inclusão é abordar um processo que não depende só do professor. Para incluir, de fato, crianças autistas ou quaisquer outras crianças, necessita-se da colaboração de todos os profissionais que fazem parte da escola: diretores, merendeiras, responsáveis pela limpeza. Necessita-se de uma mudança na forma de pensar da sociedade como um todo, pois a inclusão

transpõe a escola, visto que não é originária deste cenário e nem pertence unicamente a ele (MINATEL & MATSUKURA, 2015).

Em autobiografias de autistas, principalmente nas dos não-verbais, é evidenciado o poder do profissional de educação. Grande parte desta literatura encontra-se endereçada ao educador, reivindicando um lugar para este aluno diagnosticado com o transtorno do espectro autista, reafirmando sua luta pela permanência no sistema educacional vigente (BIALER, 2015). Porém, é importante saber que o educador não é o único nesse processo.

Os métodos utilizados mediante a criança autista ainda ignoram o avanço da ciência, não dando a devida importância à neuroplasticidade, importante descoberta da neurociência. A metodologia adotada tem certa rigidez, implicando minimamente estas crianças no processo de autorganização (PELLANDA, 2014).

Aulas de educação física, quando realizadas em ambiente aquático, apresentam-se como um ambiente propício para uma interação social entre o autista e os demais. Exercícios próprios deste tipo de atividade também podem ser ensinados de forma lúdica. As crianças encontram significados para as ações colaborativas e aceitação das diferenças, e o educador pode colaborar para o desenvolvimento psicomotor e psicoafetivo dos seus alunos, principalmente da criança com TEA (CHICON, SÁ & FONTES, 2013).

É válido ressaltar que o brincar é uma prática social, sendo também adotada pela criança autista. O professor pode utilizar-se desta ferramenta para incluí-lo, tornando-o participante da cultura. Além de facilitar o processo de interação social, o brincar colabora para o desenvolvimento da criança com autismo, em aspectos que podem englobar o crescimento, a saúde e a comunicação consigo mesmo e com os demais (SANTANA et. al., 2016).

O ambiente escolar é um espaço favorável para que a criança possa se desenvolver, tanto por meio das interações sociais criadas entre o público infantil, bem como por meio da figura do professor, enquanto mediador, para a aquisição de novas habilidades (LEMOS, SALOMÃO & AGRIPINO-RAMOS, 2014).

Considerando a escola como um cenário da diversidade, ao mesmo tempo em que se transforma em um desafio para o profissional da educação, este trabalho objetivou abordar a temática da criança com TEA e sua inclusão na escola regular, bem como os diversos desafios

decorrentes desse processo, enfatizando a importância do profissional da psicologia, no auxílio à criança, à escola e à toda família durante o processo de inclusão.

Metodologia

A metodologia adotada para o presente estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa, do tipo revisão integrativa. Para a realização do mesmo, recorreu-se às seguintes bases de dados: BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), Scielo, Pepsic e Periódicos Capes. Os descritores utilizados foram: inclusão, autista, autismo, escola.

Foram excluídos os meramente descritivos ou em outro idioma, publicados antes de 2013, relacionados à inclusão do autista em sua fase adulta, ou referentes à inclusão da pessoa com autismo no ambiente de trabalho ou nos serviços de saúde. Os critérios de inclusão foram: trabalhos em português, publicados entre 2013 e 2018, relacionados à inclusão da criança autista na escola regular.

Foram encontrados 93 artigos nas bases de dados; destes, 31 artigos eram na BVS, 39 na Periódicos Capes, 12 na Scielo e 11 artigos na Pepsic. Posteriormente, foi feita a leitura do título e do resumo de cada um destes artigos para verificar se os mesmos se tratavam do assunto pesquisado.

Foram selecionados 37 artigos para leitura total, dos quais 11 eram da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), 14 da Periódicos Capes, 5 da base de dados Scielo e 7 da Pepsic. Por fim, foram incluídos 11 artigos na composição deste trabalho.

A amostra foi submetida à análise temático-categorial, esta configura-se como uma descrição analítica, que baseia-se em procedimentos sistemáticos e objetivos para a descrição do conteúdo das mensagens (OLIVEIRA, 2008).

Resultados e discussão

Para a composição deste trabalho foram utilizados 11 artigos na íntegra, sendo seis qualitativos e cinco estudos de caso.

Na tabela 1 encontra-se o resumo da seleção dos artigos de acordo com as referidas bases de dados:

Tabela 1: Seleção de artigos de acordo com as bases utilizadas.

Base de dados	Nº de artigos encontrados	Nº de artigos selecionados	Nº de artigos incluídos
BVS	31	11	6
Periódicos Capes	39	14	2
Scielo	12	5	1
Pepsic	11	7	2
Total	93	37	11

No que se refere à origem dos trabalhos pesquisados, observou-se que em sua maioria foram publicados em periódicos da área da Psicologia e Pedagogia. O presente trabalho abrangeu uma totalidade de 11 publicações, das quais dois artigos no ano de 2018, três em 2016, três em 2015 e três em 2014.

Os artigos incluídos neste trabalho encontram-se sistematizados na tabela 2.

Tabela 2: Disposição de artigos selecionados conforme ano, título, periódico, área, localização e tipo de estudo.

Nº	Procedência	Ano	Título	Autores	Publicação
1	BVS	2013	Atividades Lúdicas no Meio Aquático: Possibilidades para Inclusão	José Francisco Chicon, Maria das Graças Carvalho Silva de Sá e Alayne Silva Fontes	Revista Movimento
2	BVS	2014	Acoplamento Tecnológico e Autismo: o Ipad como Instrumento Complexo de Cognição/ Subjetivação	Nize Maria Campos Pellanda	Revista Polis e Psique
3	BVS	2014	Inclusão de Crianças Autistas: um Estudo Sobre Interações Sociais no Contexto Escolar	Emellyne Lima De Medeiros Dias Lemos, Nádia Maria Ribeiro Salomão e Cibele Shirley Agripino-Ramos	Revista Brasileira de Educação Especial

4	BVS	2015	A Inclusão Escolar nas Autobiografias de Autistas	Marina Bialer	Revista Psicologia Escolar e Educacional
5	Periódicos Capes	2015	Familiars de Crianças e Adolescentes com Autismo: Percepções do Contexto Escolar	Martha Moraes Minatel e Thelma Simões Matsukara	Revista Educação Especial
6	BVS	2015	Tecnologias Móveis na Inclusão Escolar e Digital de Estudantes com Transtornos de Espectro Autista	Lucila Maria Costi Santarosa e Débora Conforto	Revista Brasileira de Educação Especial
7	BVS	2016	Concepções de Pais e Professores sobre a Inclusão de Crianças Autistas	Emellyne Lima de Medeiros Dias Lemos, Nádia Maria Ribeiro Salomão, Fabiola de Sousa Braz Aquino e Cibele Shírley Agripino-Ramos	Revista de Psicologia
8	Periódicos Capes	2016	O Brincar como Elemento de Inclusão Escolar de Crianças Caracterizadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	Maria Luzia da Silva Santana, Marcelo Máximo Purificação, Ana Paula Pertussati Teperino, Izabel Cristina Taceli e Maria Teresa Ribeiro Pessoa	Revista Interfaces da Educação
9	Pepsic		Quem Canta, seus Males Espanta: um Ensaio sobre Autismo, Cegueira, Canto, Inclusão, Superação e Sucesso	Renata Mousinho, Andrea Câmara e Carla Gikovate	Revista Psicopedagógica

10	Scielo	2018	Estudo de Caso sobre Atividades Desenvolvidas para um Aluno com Autismo no Ensino Fundamental I	Ana Paula Aporta e Cristina Broglia Feitosa de Lacerda	Revista Brasileira de Educação Especial
11	Scielo	2018	Expectativa de Profissionais da Saúde e de Psicopedagogos sobre Aprendizagem e Inclusão Escolar de Indivíduos com Transtorno do Espectro Autista	Caroline de Carvalho Pereira de Campos, Fernanda Caroline Pinto da Silva e Sylvia Maria Ciasca	Revista Psicopedagogia

Posteriormente, seguiu-se à caracterização dos dados, o que resultou na existência de duas categorias. Objetivou-se, desta forma, facilitar a compreensão e demonstrar quais as principais dificuldades existentes para a efetiva inclusão da criança autista na escola regular. As categorias foram denominadas: I. Dificuldades para a inclusão da criança com TEA; II. Atitudes facilitadoras para a inclusão da criança com TEA.

I. Dificuldades para a inclusão da criança com TEA

Nessa categoria foram agrupados os artigos que abordavam as dificuldades de inclusão da criança com TEA, nesse sentido verificou-se que ainda persistem diversas dificuldades para a efetiva inclusão da criança com TEA na escola regular. Rotinas rígidas encontram-se somadas ao total descaso para com descobertas importantes da neurociência, como a neuroplasticidade. As abordagens tradicionais do Transtorno do Espectro Autista acabam por reforçar rotinas, e procedimentos que frequentemente envolvem apenas padronizar o comportamento da criança, focando nos comportamentos típicos que devem ser extirpados. Devido a isso, muitas vezes a criança fica aprisionada a uma posição apenas de objeto de estudo, ao invés de ter um espaço enquanto sujeito (PELLANDA, 2014).

Outro desafio percebido, é a falta de formação dos professores, ou pouca formação, aliada à uma ausência de experiência no trabalho com crianças autistas, que pode resultar em um impacto negativo no processo de inclusão. Além da formação acadêmica faz-se necessário, que os profissionais sejam sensíveis às demandas dos alunos com TEA, pensando na singularidade de cada um (LEMONS, SALOMÃO, AQUINO & RAMOS, 2016; MINATEL & MATSUKURA, 2015).

Embora a criança diagnosticada com TEA detenha o direito de estar matriculada no ensino regular, existem diversas dificuldades para a existência real de vagas. Isto pode ser observado à nível de ensino privado e público e engloba questões discriminatórias e desrespeitosas, anulando o direito concedido a estes sujeitos pela legislação vigente. Estas práticas vão desde cobranças extras (no caso do ensino particular) até a não aceitação da criança devido à comportamentos da mesma, como o fato de fazer uso de fralda. Denotando assim, desinformação, preconceito e discriminação em relação à diferença (MINATEL & MATSUKURA, 2015).

Uma das dificuldades bastante citadas nos artigos são as barreiras físicas, que implicam o acesso às tecnologias, que segundo Santarosa e Conforto (2015), ainda não ocorre de forma satisfatória, principalmente para indivíduos que se encontram em desvantagens físicas, sensoriais, cognitivas ou socioeconômicas. Faz-se necessária a criação de políticas públicas cuja finalidade seja garantir o acesso de pessoas com deficiência a este tipo de recurso.

II. Atitudes facilitadoras para a inclusão da criança com TEA

Nessa categoria, foram agrupadas as contribuições dos artigos no que se refere as atitudes que permitem uma melhor inclusão da criança com TEA, nesse sentido percebeu-se que a presença do profissional de Psicologia aparece como componente importantíssimo para a inclusão da criança autista, pois suas intervenções são positivas neste processo, visto ser o psicólogo um agente de mudanças (LEMOS, SALOMÃO & RAMOS, 2014).

Um aspecto relevante é a identificação do desempenho intelectual da criança com autismo, permitindo a realização do diagnóstico diferencial, esclarecendo o nível e o perfil cognitivo dessa criança. Isto se configura como importante ferramenta para o profissional de educação, permitindo a elaboração de planos que tenham como finalidade a inclusão (CAMPOS, SILVA & CIASCA, 2018).

É válido ressaltar a importância de descobrir talentos e aptidões da criança com diagnóstico de TEA, isto futuramente contribuirá para a inclusão deste indivíduo em um ambiente de trabalho, como também aumentará as chances do mesmo ter uma vida independente (MOUSINHO, CÂMARA & GIKOVATE, 2016).

Segundo Aporta e Lacerda (2018), deve-se considerar as características individuais do aluno. A criação de estratégias específicas para a criança é enxergá-lo como alguém que

necessita de procedimentos diferenciados que vão de encontro com suas necessidades, destituindo a visão ultrapassada da pessoa com deficiência como incapaz, respeitando a sua singularidade (BIALER, 2015).

As concepções acerca do autismo que permeiam o imaginário de pais e profissionais da educação também precisam ser levadas em consideração quando abordamos a temática da inclusão. Incluir a criança autista não se resume a um amontoado de práticas ou estratégias, é necessária a existência de uma predisposição dos sistemas familiares e educacionais a fim de se trabalhar de forma positiva com a criança diagnosticada com TEA, estabelecendo o diálogo direto entre esses agentes (LEMOS, SALOMÃO, AQUINO & RAMOS, 2016).

Além do exposto, verificou-se que o brincar aparece como estratégias optativas para incluir a criança. Chicon, Sá e Fontes (2013) realizaram um estudo de caso com crianças autistas e as possibilidades para inclusão, usando o lúdico do meio aquático, onde o sujeito é estimulado a se relacionar da sua própria maneira com colegas e professores. Santana, Purificação, Teperino, Taceli e Pessoa (2016) também trazem o lúdico como ferramenta, onde a criança através de jogos e brincadeiras desenvolve a capacidade de criar, seguir regras, além de promover uma socialização.

Conclusão

De acordo com os dados levantados observou-se significativa produção científica acerca da inclusão da criança autista no ensino regular. No que se refere à metodologia escolhida para a realização deste trabalho, do tipo revisão integrativa, pode-se afirmar que atendeu satisfatoriamente aos objetivos da pesquisa.

Na literatura, foram encontradas diversas barreiras para uma efetiva inclusão da criança com diagnóstico de TEA no ensino regular: formação insatisfatória de professores e ausência de preparação para demais profissionais da educação, pouco envolvimento dos familiares no processo de inclusão, atitudes discriminatórias (nos setores público e privado), cobranças extras e indevidas (no setor privado), desconhecimento por parte dos profissionais dos avanços da neurociência, acesso insatisfatório à tecnologias que permitem empoderamento da criança autista, discrepância entre a legislação vigente e a realidade atual.

Considera-se que o profissional de Psicologia é um agente de mudanças; no entanto, encontrou-se pouca literatura no que concerne ao trabalho do psicólogo para a inclusão da

criança com autismo. Reafirma-se a importância da contribuição deste profissional para a construção de estratégias que facilitem o processo de inclusão, juntamente com os demais atores que permeiam o cenário educacional.

Observa-se que no tocante à inclusão da criança com deficiência no ensino regular o Brasil possui uma legislação satisfatória, que visa proteger os direitos deste público. Estratégias para não só garantir a presença da criança autista no ensino regular, mas sim para incluí-la de fato, vem sendo adotados por um número cada vez maior de profissionais. O olhar da sociedade contemporânea para a pessoa com deficiência vem se modificando gradativamente de forma positiva.

Diante da complexidade do exposto, são necessárias mais pesquisas nesta área, assim como também uma maior variedade de descritores, ou talvez ainda uma ampliação quanto ao idioma. O número de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista vem aumentado significativamente, de sorte que faz-se necessária uma mudança de paradigma da sociedade vigente, bem como a garantia dos direitos desta parcela da população.

Referências

APORTA, Ana Paula; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Estudo de Caso sobre Atividades Desenvolvidas para um Aluno com Autismo no Ensino Fundamental I. **Rev. bras. educ. espec.**, v. 24, n. 1, p. 45-58, 2018.

BIALER, Marina. A inclusão escolar nas autobiografias de autistas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, 2015.

CAMPOS, Caroline de Carvalho Pereira de; SILVA, Fernanda Caroline Pinto da; CIASCA, Sylvia Maria. Expectativa de profissionais da saúde e de psicopedagogos sobre aprendizagem e inclusão escolar de indivíduos com transtorno do espectro autista. **Revista Psicopedagogia**, v. 35, n. 106, p. 3-13, 2018.

CHICON, José Francisco; CARVALHO SILVA DE SÁ, Maria das Graças; SILVA FONTES, Alayne. Atividades lúdicas no meio aquático: possibilidades para a inclusão. **Movimento**, v. 19, n. 2, 2013.

DA SILVA SANTANA, Maria Luzia et al. O brincar como elemento de inclusão de crianças caracterizadas com transtornos do espectro autista. **Interfaces da Educaçao**, v. 7, n. 19, p. 48-65, 2016.

LEMOS, E. L. M. D.; SALOMÃO, Nádía Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shírley. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 1, p. 117-130, 2014.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias et al. Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, n. 3, p. 351-361, 2017.

MINATEL, Martha Moraes; MATSUKURA, Thelma Simões. Familiares de crianças e adolescentes com autismo: percepções do contexto escolar. **Revista Educação Especial**, v. 28, n. 52, p. 429-442, 2015.

MOUSINHO, Renata; CÂMARA, Andrea; GIKOVATE, Carla. Quem canta, seus males espanta: um ensaio sobre autismo, cegueira, canto, inclusão, superação e sucesso. **Revista Psicopedagogia**, v. 33, n. 101, p. 196-205, 2016.

OLIVEIRA, D. C. de. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Rev. Enf. UERJ*, Rio de Janeiro, 2008, out/dez: 16(4): 569-576

PELLANDA, Nize Maria Campos. Acoplamento tecnológico e autismo: o iPad como instrumento complexo de cognição/subjetivação/Technological coupling and autism: the iPad as a complex tool of cognition/subjetivation. **Revista Polis e Psique**, v. 4, n. 3, p. 136-149.

SANTAROSA, Lucila Maria Costi; CONFORTO, Débora. Tecnologias móveis na inclusão escolar e digital de estudantes com transtornos de espectro autista. **Revista brasileira de educação especial**. Marília, SP. Vol. 21, n. 4 (out./dez. 2015), p. 349-366, 2015.